

APRENDENDO, ENSINANDO E SEGUINDO A LIÇÃO

Marcello Xavier

Da equipe do **Correio**

É de pequeno que se aprende. O conhecido ditado popular é colocado em prática com frequência pelos 170 alunos da Escola Classe Boa Vista, na Zona Rural de Sobradinho. A cada mês, eles estudam um tema, discutem e, no final, apresentam os resultados do trabalho. Depois de debaterem o amor, em março, agora é a vez de mostrarem o que aprenderam sobre o preconceito.

Os alunos — com idades entre seis e 14 anos — das 1ª e 2ª fases da Escola Candanga estudaram as várias faces do preconceito, como o racial, o étnico, o cultural, o social, o de idade e aquele que atinge os portadores de necessidades especiais. Cada turma transformou-se em uma oficina para trabalhar um dos subtemas e depois apresentá-lo aos demais colegas.

Com vestidos longos e um pouco de talco para deixar os cabelos esbranquiçados, Rosilene Pereira dos Santos, 14 anos, e Daniele Santos Dias, 13, alunas da 2ª fase, falaram aos colegas sobre a importância de se cuidar dos idosos.

"O idoso tem que ser muito respeitado. Ele é uma pessoa que já viveu muito e sabe das coisas", ensina Rosilene Pereira, que só tem vivo o avô materno, Salviano, com 80 anos. "Me preocupo sempre que ele está doente."

Daniele Santos tem na ponta da língua qual a idade com que uma pessoa é considerada idosa: "Sessenta e cinco", acredita. "O idoso é gente como a gente. Tem o mesmo direito que nós jovens temos."

Carlos Moura



O respeito às diferenças raciais foi um dos assuntos tratados pelos alunos na discussão sobre o preconceito

A estudante Laiara Gomes de Sousa, 9 anos, fica triste quando vê alguém maltratando um idoso. "Dou muito amor e carinho à minha avó", garante a netinha, que visita a avó materna todos os dias — moram a menos de 100 metros uma da outra. Laiara acredita também que os mais velhos têm muito o que ensinar aos mais novos.

"Não podemos julgar as pessoas antes de conhecer", opina Mayse Melo dos Santos, 8 anos, aluna da 1ª fase, que conheceu um pouco mais da vida dos índios, também

muito discriminados. Os alunos, com a ajuda das "tias", construíram a réplica de uma oca — típica habitação indígena.

A professora Aparecida de Souza, 30 anos, trabalhou o tema Portadores de necessidades especiais, com uma turma de alunos da 1ª fase. Ela conhece bem os preconceitos que sofrem os deficientes. Ela tem uma doença que atinge a articulação das pernas, desde a infância. "O preconceito está nos adultos. As crianças são puras. Por isso que é bom trabalhar os valores

com elas desde cedo."

"Só porque o outro é diferente, não podemos desrespeitar", opina a pequena Ruthe Santana de Lima, 6 anos. "Temos que ajudar as pessoas que não andam, não ouvem, nem falam", reforça a colega Larisa da Silva Alves, 6.

Os alunos da Escola Classe Boa Vista vão trabalhar, a partir de maio, o tema solidariedade. Eles promoverão uma campanha de arrecadação de roupas e alimentos que serão doados para a comunidade carente da Zona Rural.